

JOSÉ MANUEL DA SILVA



QUANDO DESABA O FIM

são só lembranças
esparsas
comparsas
de um tempo antigo
quase esquecido
que insiste
persiste
resiste
gotas de glória
pingos de memória
ruídos na janela
por vezes assustadores
a tempestade
chovia nas quatro estações
sempre havia inundações
no verão, subia o cheiro de terra
no final da tarde
eram outros tempos
mas a chuva era a mesma de hoje
nós é que mudamos, sempre para pior
são só pensamentos
abatimento
a água escorre janela abaixo
e me vêm, inadvertidas
lembranças dela, derretidas
dois apaixonados, encharcados
a água do céu salpicando areia em nosso amor



o sexo, o nexo
o simples e o complexo
o côncavo e o convexo
o mundo se diluía
na sonoridade, na fragrância da chuva
no inebriamento da caipirinha de uva
dentro da barraca
o violão, a cantoria
a alegria
e lá fora chovia
ninguém prevendo o que viria
o rio, a cachoeira
a fogueira
o banho de chuva
e nossa doideira
faz tanto tempo
não importa mais
torci-me sentidos
imprecisos
são só lembranças
de um tempo acontecido
urdido, tecido
por bem ou por mal
suave turbilhão que desaba por dentro de mim
com os pingos intensos que lá fora prenunciam o fim

